

A INFLUÊNCIA NA INTERIORIZAÇÃO DAS VIRTUDES CARDEAIS NAQUELES QUE LEEM O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA. UMA OBRA DE C. S. LEWIS

Josildo Muniz de Oliveira¹
Paula Gertrudes Macedo Porto²
Luis Miguel Oliveira de Barros Cardoso³

RESUMO: Este artigo analisa a obra de C.S Lewis – O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa, dela retirando aspectos importantes acerca das virtudes cardeais. Não só isso, explica virtude como um todo e toma as virtudes cardeais como ponto áureo. Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança. Como se tornam explícitos na obra de Lewis, e como se enraízam naqueles que o leem. Ao mergulhar na obra de Lewis, somos levados a um mundo encantado onde se explora o certo e o errado, sentido de vida, propósito, sucesso ou fracasso e como as virtudes, uma vez implementadas, levam às melhores respostas, contribuindo na formação de crianças mais centradas e virtuosas e, por conseguinte, adultos mais humanos.

Palavras-Chaves: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa.

685

1 INTRODUÇÃO

No complexo tecido da experiência humana, as virtudes cardeais destacam-se como os alicerces que moldam o caráter e orientam as ações de indivíduos em busca da excelência moral. Desde os tempos antigos, pensadores e filósofos têm identificado quatro virtudes fundamentais - prudência, justiça, fortaleza e temperança - que transcendem culturas e épocas, delineando um mapa ético para uma vida significativa e virtuosa.

Essas virtudes, conhecidas como "cardeais" devido à sua centralidade, oferecem uma bússola moral que orienta as escolhas humanas em direção ao bem, proporcionando não apenas alicerces éticos para a conduta individual, mas também um paradigma para a construção de sociedades mais justas e compassivas.

¹Pós-graduado em Direito Público pela ESMAPE - Escola Judicial de Pernambuco - Mestrando em Educação pela Veni Creator Christian University – T5 – 2023.1

²Especialista em Execução de Ordens Judiciais pelo Centro Universitário Mario Pontes Jucá – UMJ Mestranda em Educação pela Veni Creator Christian University – T5 – 2023.1

³Doutorado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Coimbra, Instituto Politécnico de Portalegre – Portugal.

Neste artigo, expomos a forma com que Clive Staples Lewis, em sua obra *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* aborda tais virtudes para seus leitores que se deslumbram a cada página, além de incorporar as lições para a vida. Além disso, analisaremos como essas virtudes se entrelaçam e se manifestam em diversas esferas da vida cotidiana, destacando sua relevância atemporal e sua capacidade de inspirar a busca pela excelência moral. Ao compreendermos mais profundamente as virtudes cardeais, podemos vislumbrar um caminho para a construção de uma sociedade mais justa, compassiva e moralmente sustentável.

2 CS LEWIS – UMA BREVE BIOGRAFIA

Clive Staples Lewis, conhecido como C.S. Lewis, nasceu em 29 de novembro de 1898, em Belfast, Irlanda (agora Irlanda do Norte). Sua mãe, filha de pastor e o pai advogado e irmão mais novo. Recebeu influências de temperamento que vagavam entre a tranquilidade e alegria de sua mãe e os altos e baixos da vida emocional de seu pai.

Sempre nutriu um amor pela fantasia, romances e poesia não herdado de seus pais. Seu irmão era cúmplice. Quando Clive não imitava os desenhos dele, barcos, trens e batalhas, desenhava “animais vestidos” – bichos antropomórficos da literatura infantil.

686

Ensinado a ele coisas habituais, foi levado a Igreja, no entanto não se interessou muito. A primeira grande mudança veio aos 7 anos de idade – o lar. Uma casa maior. Seu irmão fora enviado para um internato na Inglaterra, enquanto Clive era educado em casa. Apenas uma articulação no polegar foi o que o levou a escrever histórias, o que o levava a um mundo de felicidade. “Você pode fazer mais com um castelo numa narrativa do que com o melhor castelo de cartolina que jamais se viu sobre a mesinha de uma criança” (Lewis, C.S.1999, p. 20).

Lewis era um leitor ávido desde cedo, influenciado por histórias de Beatrix Potter. Em agosto de 1914 começou a “Grande Guerra”, Lewis, no terceiro ano da Universidade de Oxford, percebeu que era inevitável ir para a guerra. Voluntariou-se. Foi dispensado em 1918 e voltou aos estudos em 1919. Foi premiado com honras em letras, inglês e literatura.

Quando foi indicado para uma vaga de tutor em inglês e literatura no Magdalen College em Oxford, formou com JRR Tolkien uma amizade. CS Lewis o encorajou a publicar a obra “*O Senhor dos Anéis*”.

Para MacGrath (2014, p. 49)

A amizade entre Lewis e Tolkien provou ser de fundamental importância para a literatura inglesa do século XX. Não é nenhum exagero dizer que essa amizade deu à luz tanto *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien, quanto *As Crônicas de Nárnia*, de Lewis. Tudo começou quando Tolkien perguntou a Lewis se ele poderia examinar um material que havia acabado de concluir e lhe dizer o que achava. O que Tolkien queria que Lewis lesse era um longo poema narrativo intitulado “The Lay of Leithian” [A balada de Leithian]. Foi um precursor para a grande obra que hoje conhecemos como *O Senhor dos Anéis*.

As Crônicas de Nárnia é uma de suas obras mais conhecidas e se trata de uma coleção de contos de fadas composta pelos seguintes livros: O leão, a feiticeira e o guarda-roupa (1950); Príncipe Caspian (1951); A viagem do Peregrino da Alvorada (1952); A cadeira de prata (1953); O cavalo e seu menino (1954); O sobrinho do mago (1955); e A última batalha (1956).

O primeiro livro publicado da coleção foi O leão, a feiticeira e o guarda-roupa (2020), e demonstra como Lewis tem a capacidade de envolver a imaginação dos leitores abordando grandes questões da vida. O livro foi escolhido para explicar como uma obra épica e de aventura pode influenciar crianças e adultos a se tornarem pessoas virtuosas. Como ela é usada para educar as virtudes de uma forma encantada. Pondera MacGrath (2014, p. 65)

Em seu sermão “The Wheith of Glory”, de 1941, Lewis declara que nossa terra é prisioneira. Estamos encantados, capturados em uma metanarrativa secular e secularizante que insiste que nosso destino e nosso bem estão neste mundo. Dizem-nos – e acreditamos – que as ideias de reinos transcendentais, de mundos vindouros são simplesmente ilusões. Nosso sistema educacional – Lewis observa com óbvia tristeza – é conivente com esse mito moderno de que as fontes e os objetivos do bem humano são “encontrados nesta Terra”.

Lewis afirma que chegou a hora de nos libertarmos desse “nocivo encantamento da mundanidade”. Ele não tem dúvidas sobre o que devemos fazer. Esse “encantamento nocivo” tem saturado tão profundamente nosso pensamento que precisamos de um “feitiço mais forte” para anular seu poder(...) O imaginário de Nárnia é o feitiço que Lewis lançou para ajudar a quebrar o encantamento secular e abrir a mente para outra possibilidade.

Lewis morreu de insuficiência renal aos 64 anos em 22 de novembro de 1963. Até os dias de hoje, suas obras ainda conquistam leitores ávidos pelas suas aventuras e romances.

4 O ponto de partida para Nárnia

Quando o medo dos bombardeios provenientes da Segunda Guerra se instalou sobre as cidades inglesas, os pais, buscando a segurança dos filhos, levaram-nos a cidades do interior.

A mãe do seu amigo Moore, Paddy, acolheu 4 crianças. Observou-se que elas liam muito pouco, isso levou Lewis, em pensamento, a idade de 16 anos, quando com seu irmão desenhava personagens imaginários, antropomórficos que serviram, anos depois, para a produção de livros. A rainha em um trenó, um leão faz parte de seu imaginário desde criança. Apenas perto dos 40 anos de idade Lewis pensou em transformá-los em histórias.

Vou escrever um livro para crianças!”. A Sra. Moore e Maureen receberam o inesperado anúncio de Lewis certo dia durante o café da manhã, provavelmente por volta da eclosão da Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939, com uma boa risada. Além de não ter filhos, Lewis não tinha praticamente nenhum contato com qualquer criança, excetuados os encontros esporádicos com seus afilhados. O riso delas logo se desfez, mas a ideia de Lewis permaneceu. Nárnia foi tomando forma em sua mente à medida que ideias e imagens de sua infância começaram a se cristalizar” (Macgrath. 2013, p. 281-282).

5. O Leão, a Feiticeira e o guarda-roupa

O romance traça a história dos irmãos Pevensie. Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia que descobrem um mundo encantado com animais que falam e figuras místicas que está sob o feitiço de inverno eterno imposto pela malvada feiticeira branca chamada Jadis. O mundo de Nárnia foi encontrado na casa do Tio Gregory Kirk, para onde as crianças foram encaminhadas para fugir dos bombardeios da Guerra que acontecia em Londres.

A descoberta de Nárnia se tornou uma das mais conhecidas cenas da literatura infantil. Quatro crianças – Pedro, Suzana, Edmundo e Lucia – são evacuadas de Londres durante a Segunda Guerra Mundial para fugir dos bombardeios da capital inglesa. Separadas da família, elas são levadas para uma velha casa de campo, habitada por um genial e bem-intencionado, apesar de um pouco excêntrico (o qual muitos consideram uma versão levemente disfarçada do próprio Lewis). Impedidas por uma chuva pesada de visitar o exterior da moradia, as crianças decidem explorar suas salas e seus corredores abarrotados de livros. (há um claro paralelismo aqui com o duradouro fascínio de Lewis pela distinção entre “mundo exterior” e o “mundo interior”.) No fim, elas descobrem por acaso uma “sala completamente vazia, a não ser por um enorme guarda-roupa”. (Macgrath. 2013, p. 283).

Ajudados pelo grande leão Aslam, as crianças embarcam numa aventura para libertar o reino do domínio da maléfica feiticeira.

Lúcia é quem primeiro descobre esse mundo de fantasia. Após ultrapassar a pilha de casacos, sente o chão frio de gelo. Observa um poste. E continua a caminhar fazendo suas descobertas. O primeiro ser que encontra nesse mundo é um fauno, Sr. Tumnus, que

esbarrando com ela derruba a pilha de pacotes que carregava. Este ser levou a pequena Lúcia a sua caverna e lhe contou histórias, dentre elas, sobre a feiticeira branca. Lewis (2023, p. 25):

- A Feiticeira Branca? Quem é ela?
- Ora, é ela que tem toda a Nárnia sob o seu domínio. É ela que faz ser sempre inverno. Sempre inverno e nunca Natal; Imagine só!
- Que horrível! - disse Lúcia. - Mas quais são as ordens dela para você?
- essa é a pior parte - disse o Sr. Tumnus com um gemido profundo. - Sou um sequestrador a mando dela, é isso que sou. Olhe para mim, Filha de Eva. Você acreditaria que sou o tipo de fauno que encontra no bosque uma pobre criança inocente, que nunca me fez mal algum, e finge ser amigo dela, e a convida para vir a minha caverna, tudo para embalá-la no sono e depois entregá-la a Feiticeira Branca?

Ora, a Feiticeira Branca impôs a todos os narnianos que encontrassem uma filha de Eva ou um filho de Adão, entregá-lo a ela, para que ela impedisse que uma profecia tomasse forma.

Mas Tumnus, arrependido, não a entregou. Percorreu com ela o caminho e a deixou sã e salva nas proximidades do guarda-roupa.

O segundo a embarcar neste mundo é Edmundo. O primeiro encontro dele, ao adentrar em Nárnia é com um trenó carregando uma senhora que se intitula como Jadis, a verdadeira Rainha de Nárnia. Ela o convence a trazer seus irmãos para Nárnia tornando-o um príncipe e seus irmãos duque e duquesas. E ele diz que sua irmã Lúcia já tinha visitado o mundo encontrando o fauno Tumnus.

689

Enquanto ele comia, a Rainha lhe fazia perguntas. No começo, Edmundo tentou se lembrar de que é grosseiro falar de boca cheia, mas logo se esqueceu e só pensava em devorar quanto manjar turco conseguisse; e quanto mais ele comia, mais queria comer; e nunca se perguntou por que a Rainha era tão curiosa. Ela conseguiu que ele lhe contasse que tinha um irmão e duas irmãs, e que uma das irmãs já estivera em Narnia e aqui encontrara um fauno e que ninguém, além dele, de seu irmão e de suas irmãs sabia alguma coisa sobre Nárnia. Ela parecia especialmente interessada no fato de que eles eram quatro e voltava sempre a esse assunto. (Lewis, 2023, p. 43).

Observamos, ao ler a obra, que os personagens se deparam com um teste – como saber quem fala a verdade? A Rainha Jadis ou o fauno Tumnus? No que acreditar? E aí se desenvolve uma argumentação para se descobrir qual a verdade sobre Nárnia, e o mundo misterioso encontrado a partir do guarda roupas na casa do tio Digory Kirke.

Num nível de leitura, O leão, a feiticeira e o guarda-roupa é um teste a que estão submetidos esses personagens e seus relatos acerca de Nárnia. Em quem se deve confiar? Em que história acerca de Nárnia se deve crer? Para fazer a avaliação certa sobre como agir, as crianças precisam descobrir qual é a verdadeira história do mundo misterioso com que se envolveram e no qual, ao que tudo indica, elas estão destinadas a desempenhar um papel importante. (MacGrath. 2013, p. 283).

O que se torna maravilhoso em *Nárnia* é como as virtudes são mostradas e desempenhadas por cada um dos personagens no desenrolar da história. As crianças, ao ler, desenvolvem um potencial interno para que se tornem adultos melhores e cheios de virtudes.

O contraste com algumas histórias infantis anteriores é bem evidente. Em *O mágico de Oz* (1900), por exemplo, Dorothy é informada sobre quais bruxas são más e quais são boas. Em *Nárnia*, os personagens não tem apelidos que declarem o caráter moral de cada um deles. As crianças (e os leitores) têm de descobrir essas coisas sozinhos. Os personagens que encontram são complexos e multifacetados. (MacGrath. 2013, p. 283).

Os heróis da história têm características de virtude. Lewis (2023, p. 187-188):

Eles mesmos cresceram e mudaram à medida que os anos iam passando. Pedro se tornou um homem atlético e um grande guerreiro, e chamavam-no de Rei Pedro, o Magnífico. E Suzana se tornou uma mulher alta e graciosa, com cabelos negros que lhe caíam quase até os pés, e os reis dos países de além-mar começaram a mandar embaixadores pedindo sua mão em casamento. Chamavam-na de Rainha Suzana, a Gentil. Edmundo foi um homem mais grave e quieto que Pedro, grande no conselho e no julgamento. Chamavam-no de Rei Edmundo, o Justo. Quanto à Lúcia, ela sempre foi alegre e de cabelos dourados – todos os príncipes daquelas terras desejavam que ela fosse sua rainha, e sua própria gente a chamava de Rainha Lúcia, a Destemida.

Outro exemplo disso é quando o grande Leão Aslam se dirige às crianças: “Sua voz era profunda e cheia, e de algum modo, removeu a inquietude deles. Sentiam-se agora contente e tranquilos e não lhes pareceu inadequado ficarem de pé sem nada dizerem” (Lewis, 2023, p. 133). Tal comportamento exauria as virtudes da gentileza e calma.

O que Lewis buscava através de suas obras era simplesmente encantar, e, através desse encantamento, ensinar.

Conforme MacGrath (2013, p. 284):

Pela influência de Charles Williams no início da década de 1940, Lewis descobriu que a imaginação tem que levar os leitores a ansiar pela benignidade moral. Foi Williams, declarou Lewis, que lhe ensinou que “quando os antigos poetas faziam de alguma virtude seu tema, eles não estavam ensinando, mas adorando; e que aquilo que nós interpretamos como didático é muitas vezes o encantado”. A chave do progresso moral é, portanto, cativar a imaginação por meio de narração de arrebatadoras histórias de “valentes cavaleiros de coragem heroica”. Essas histórias inspiram e enobrecem, levando-nos a almejar fazer a mesma coisa em nosso mundo particular.

De uma forma inspiradora, Lewis resgata ideais de comportamento através da literatura, em especial dos contos de fadas, engrandecendo a educação. Ensinar princípios morais de forma fascinante, e formando adultos com senso de justiça, prudência, nobreza. Um ser verdadeiramente humano. Pontua Greggersen (1999. p. 3):

E o grande desafio do educador do presente e do futuro é o de ponderar todas essas coisas e descobrir meios criativos para representar o seu sentido mais profundo de forma perceptível ao educando, transformando a sala de aula numa aula viva, e a qualidade do ensino em qualidade de vida.

5. Contos de Fadas, virtudes e o imaginário alcançado em o Leão, a Feiticeira e o Guarda Roupas

Lewis não exitou e utilizou do meio mais criativo em matéria de educar as virtudes. Usou dos contos de fadas em suas obras. Mas, o que são contos de fadas?

Os contos de fadas são narrativas que misturam fatos reais com fantasia, o que faz a criança estabelecer uma relação entre o “eu” e o meio social em que vive, pois, os personagens se mostram em situações semelhantes e as respostas se dão de forma mágica, fazendo com que, naturalmente a criança incorpore o que foi vivenciado e lido naquelas páginas.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (apud Gonçalves. 2009, p. 14):

Os contos de fadas surgiram, segundo Coelho (1987), do povo celta, com heróis e heroínas cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além da vida. Portanto, pode-se dizer que foi desse povo que nasceram as fadas. Elas fazem parte do folclore europeu ocidental e se tornaram conhecidas como seres fantásticos ou imaginários de grande beleza ao se apresentarem sob forma de mulher. Com virtudes e poderes divinos, interferiam na vida dos homens para auxiliá-los em situações em que a solução natural já não era mais possível; além disso, ainda podiam se transformar em bruxas. Por isso, as fadas seduzem tanto o público infantil, pois a criança, quando se depara com um problema, acaba encontrando na imagem da fada a sua solução, principalmente, quando há a presença de uma varinha mágica, elemento simbólico poderoso, capaz de realizar qualquer desejo.

Essas histórias normalmente se passam em reinos distantes, com animais falantes, príncipes, princesas, castelos, bruxas, fadas, dragões além de feiticeiros, por exemplo. Além de alimentarem a imaginação essas obras são instrumentos, ferramentas que ajudam as crianças a compreender situações reais e como enfrentar tais questões utilizando metáforas e ensinamentos sobre a moralidade. Segundo Gonçalves. 2009, p. 14:

A criança, quando participa, através da leitura, dessas histórias, acredita que os seus conflitos também podem ser solucionados da mesma forma, pois, ao se familiarizar com as questões apresentadas nos contos, ela entende melhor o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Além disso, as histórias oferecem novas dimensões à imaginação do pequeno, que ele não poderia descobrir verdadeiramente por si só.

O que são as virtudes e como Lewis pontua as virtudes primordiais em sua primeira publicação narniana?

6. Explicando as virtudes

Se observarmos os prédios em construção, primeiro se formam arcos onde se colocam as estacas, os pilares e ali se firma toda uma construção. Essa base precisa ser bastante sólida, pois, sobre ela vão se colocando todas as estruturas, salas, banheiros, pessoas transitando, dentre outras.

Às estacas podemos comparar as virtudes humanas. Essas virtudes, também conhecidas como morais, formam a personalidade de cada indivíduo, amenizando ou aguçando, inclusive o temperamento.

São quatro virtudes principais, a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança.

Conforme ensina Faus (2021, p. 27):

As virtudes não nascem feitas e embrulhadas. Da mesma maneira que não nasce feito tudo o que tem valor e requer esforço de conquista: ser engenheiro eletrônico, *spalla* de orquestra sinfônica, pesquisador ou médico.

Os que não lutam por ganhar virtudes – lembre-se disso – constroem o edifício da vida sobre “estacas” de vidro barato e quebradiço. São frágeis, vulneráveis a qualquer impacto e a vida tem muitos impactos. Creio que você já conheceu, no mundo do trabalho, pessoas inteligentes, tecnicamente bem preparadas, que esbanjam categoria como especialistas, mas que fracassam por que são desleais, arrogantes, indisciplinados, convencidos, criadores de caso... Não podem edificar uma boa vida profissional porque não tem as “estacas” firmes das virtudes.

E o que dizer dos casamentos desintegrados – edifícios desabados –, porque se baseavam em estacas frágeis, de vidro colorido: as da paixão, da ânsia de prazer físico e afetivo, do aconchego recebido. Mas não tinham as “estacas” sólidas da doação, da compreensão, da paciência, da abnegação, da generosidade, do ideal familiar.

Ou seja, pessoas sem base sólida, sem estacas firmes estão fadadas ao insucesso. Quanto mais as virtudes forem plantadas no ser humano, mais generoso, abnegado, paciente, doador ele será. Buscará o ideal de família.

Observamos a vida de muitas pessoas ao nosso redor. Pessoas que gastam tudo o que foi conquistado com o prazer em excesso, pessoas falsas que na frente tem uma conduta e por trás, apunhala o outro nas costas, pessoas egoístas que mais pensam no enriquecimento próprio independentemente do caminho escolhido para tanto, apresentam condutas desreguladas sem sentido e que não pensam nas consequências dos próprios atos.

Condutas desreguladas nos fazem pensar em elementos de uma vida moralmente boa. Moral vem da palavra latina que significa *mores*, que significa costumes, hábitos. A palavra virtude, a seu turno, vem do latim *virtus* que é potência – o poder de governar nossa vida, nossa conduta, sem alterações de caráter.

Complementa Faus (2021, p. 28-30):

quem não luta, quem se contenta com a simples boa vontade e improvisação, torna-se palha arrastada pelos ventos do desejo, do prazer, do capricho, do egoísmo ou das circunstâncias. E dominada – amarrada – por eles, nunca alcança a alegria que almeja. Entende-se, por isso que o *Catecismo* afirma: “pessoa virtuosa é aquela que livremente pratica o bem” (n. 1804), e que acrescenta: “as virtudes humanas forjam o caráter” (n. 1810).

Das quatro virtudes humanas também conhecidas por virtudes cardeais, são a base para todas as demais virtudes. Explica AQUINO (2012, p. 186):

Por isso se chamam virtudes cardeais aquelas nas quais se fundam a vida humana, pela qual se entra pela porta. A vida humana, porém, é a proporcionada ao homem. No entanto, em relação ao homem se encontra, primeiramente, uma certa natureza sensitiva, na qual coincide com a dos animais irracionais. A razão prática, que é própria do homem se encontra conforme o seu grau, e o intelecto especulativo, que não se encontra de modo perfeito no homem, assim como se encontra nos anjos, mas segundo uma certa participação da alma. Por isso a vida contemplativa não é propriamente humana, mas sobre-humana. Contudo, a vida voluptuosa, que se apegue aos bens sensíveis, não é humana, mas bestial. Logo, a vida propriamente humana é a vida ativa, que consiste no exercício das virtudes morais. E, por isso são chamadas propriamente de virtude cardeais, aquelas pelas quais, de algum modo, a vida moral se funda e se altera, assim como em certos princípios de tal vida. Por causa disso, também as virtudes desta natureza são chamadas de principais.

As virtudes devem ser ensinadas. Qual virtude aperfeiçoa a tendência ao prazer sem medidas. Limites na diversão. Qual a hora que a criança deva estudar. Que comidas dever comer. Quando poderá a comida “lixo”. Qual o merecimento? A capacidade de esforço e sacrifício. O que estudar primeiro. Quais as prioridades. Eventos culturais. Brincadeira no parque. Tudo é hábito e deve ser ensinado e reiterado para formação de um ser humano mais consciente.

Eis um pouco das virtudes cardeais e como se explicam nas Crônicas de Nárnia

7. TEMPERANÇA

Temperança significa ter moderação, agir com equilíbrio e parcimônia em suas atitudes. Do latim “temperantia” traduz-se como “guardar o equilíbrio”. É o atuar comedido, prudente, sem exageros. É ter prazer com moderação.

Edmundo, em seu primeiro encontro com a Rainha Branca, seu desejo foi manjar turco (Lewis. 2023, p. 44)

Por fim, todo o manjar turco havia terminado, e Edmundo encarava muito fixamente a caixa vazia, desejando que ela lhe perguntasse se queria um pouco mais. Provavelmente a Rainha sabia muito bem o que ele estava pensando, pois sabia, apesar de Edmundo não saber, que aquele era um manjar turco encantado, e que quem o provasse uma vez desejaria cada vez mais, e se lhe permitissem, continuaria comendo até se matar. Mas ela não lhe ofereceu mais

E, quando todos os irmãos entraram no guarda-roupa, Edmundo traiu seus irmãos, e seguiu em direção ao castelo da feiticeira branca, para assim matar sua vontade pelo manjar turco envenenado, sem ponderar quais as consequências desse ato.

Agora é claro que você quer saber o que aconteceu com Edmundo. Ele comeu sua parte do jantar, mas, na verdade, não apreciou porque estava pensando o tempo todo em manjar turco – e não há nada que estrague tanto o sabor da boa comida comum como a lembrança da comida mágica ruim (Lewis, 2023, p. 95).

O Catecismo define a temperança como “a virtude moral que modera a atração pelos prazeres e procura o equilíbrio no uso dos bens criados. Assegura o domínio da vontade sobre os instintos e mantém os desejos dentro dos limites da honestidade” (n. 1809).

Ter temperança é ter controle sobre as emoções agindo com sobriedade em suas atitudes e decisões. Temperança é evitar os excessos, é manter um equilíbrio. Acaso não dosados, viveríamos em uma luta interna dos limites sobre as vontades.

Como bem explica Faus (2021, p. 185):

Por ela, o espírito (a razão e a vontade, mais a Graça do Espírito Santo) “modera” as tendências instintivas da natureza e a ânsia de prazer. Mantém equilibradas, especialmente, as tendências e prazeres ligados a autoconservação (comer, beber, descansar, sexualidade). Faz com que vivamos de acordo com a dignidade humana e com a condição de filhos de Deus.

Malheiros ensina que:

Segundo alguns educadores, até os 7 anos de idade, a virtude da temperança deve ocupar lugar privilegiado. É a virtude que aperfeiçoa e regula a tendência ao prazer desmedido. Limites na comida, conforto, diversão, na desordem material e temporal, dentre outros, são alguns campos de luta”.

Imaginemos um pai que limita as horas em que o filho fica no computador, escolhe de forma saudável o que seu filho irá comer. O filho sabe que tem alguém no comando e confia.

São Tomás de Aquino informava ser insensível quem rejeitasse o prazer, não visse felicidade nos prazeres da vida. Transformar o que serve a vida, como a comida e a bebida em algo que leve a pessoa a perder a sanidade física e psíquica, é transformar em mal. Ou adultério, traição, abuso de menores, abusando do sexo que é o amor entre os esposos e feito para a concepção da vida.

Ou seja, temperança é grandeza humana, dominar os desejos egoístas e abusivos. Diante desses aspectos, pergunta-se: No meio de uma sociedade consumista e hedonista, dominado pelo culto ao prazer, sabemos viver a moderação e o desprendimento? Isso é temperança.

Passemos então à próxima virtude.

8 FORTALEZA

Quando pensamos em fortaleza, pensamos em uma pessoa que resiste às vontades, aos excessos, uma pessoa que tem coragem.

Faus (2021, p. 153) expõe a fortaleza como “a virtude moral que robustece a nossa vontade, para que sejamos capazes de enfrentar, sem medo, coisas boas que são difíceis; de irmos atrás do bem custoso, ‘árido’, sem desistirmos, dispostos a sofrer – por esse bem difícil – sem nos queixarmos nem desistir”.

O sacrifício de Aslam é a parte mais forte que podemos observar em o Leão, a feiticeira e o Guarda-Roupa. E a maior prova da fortaleza que habita em seu ser.

Por fim a feiticeira aproximou-se. Parou junto da cabeça do Leão. Seu rosto vibrava e contorcia-se de ódio. O Dele, sempre calmo, olhava para o céu, com uma expressão que não era nem de ira, nem de medo, um pouco triste apenas. Um momento antes de desferir o golpe, a feiticeira inclinou-se e disse, vibrando com a voz.

Quem venceu, afinal? Louco! Pensava com isso poder redimir a traição humana?! Vou matá-Lo, no lugar do humano, como combinamos, para sossegar a Magia Profunda. Mas, quando estiver morto, poderei matar o humano também. Quem me impedirá? Quem poderá arrancá-lo de minhas mãos? Compreenda que você me entregou Nárnia para sempre, que perdeu a própria vida sem ter salvo a vida da criatura humana. Consciente disso, desespere e morra.” (Lewis, 2023, p. 156).

Para vencer a magia profunda, Aslam entregou-se ao sacrifício.

695

9 PRUDÊNCIA

Ser prudente é o agir racional, pensado. Pedro, conversando com Aslan e imaginando um suposto ataque noturno sugere acampar do outro lado do Rio.

Não seria melhor acamparmos do outro lado, pois ela poderá tentar um ataque noturno ou algo assim?

Aslam que parecia estar pensando em outra coisa, animou-se com uma sacudidela da magnífica juba e disse:

- Hein? O que foi?

Pedro repetiu tudo outra vez.

- Não – disse Aslam com a voz abafada, como se isso não fizesse diferença. - Não. Ela não fará um ataque hoje à noite. - E então deu um suspiro profundo. Mas logo acrescentou: - Ainda assim, foi bem pensado. É assim que um soldado deve pensar. Mas realmente não faz diferença. - E então, passaram a montar seu acampamento. (Lewis 2023, p. 150).

O que Pedro fez foi sugerir o outro lado do rio para que houvesse tempo em se armar para uma suposta investida, que era mais prudente, já que havia menos riscos de serem pegos de surpresa.

Quando atravessamos uma rua movimentada, pensamos ser prudente atravessar no meio dela ou buscar a faixa de pedestres.

São Tomás de Aquino é a razão, que governa a virtude da prudência, que a rege.

Segundo Aquino (2005, [i-ii, Q. 47, A 8], apud PEREIRA, 2016, p. 22)

Ora, três são os atos principais da razão. O primeiro é aconselhar, próprio da invenção, pois aconselhar é indagar, como já estabelecemos. O segundo ato é julgar as coisas descobertas; e a isso se limita a razão especulativa. Mas, a razão prática, que ordena para a obra, vai além e tem como terceiro ato mandar, ato consistente na aplicação à obra do que foi aconselhado e julgado. E sendo este ato mais próximo ao fim da razão prática, daí resulta ser ele o ato dessa razão e, por consequência, da prudência.

Ou seja, pela prudência, observamos a razão para não cair em ciladas, objetivando o bem próprio. É o bom conselho. O julgamento de forma correta.

10 JUSTIÇA

O Catecismo define a Justiça como “É a virtude moral que consiste na vontade constante e firme de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido” (n. 1807).

Lewis, na sua obra *Cristianismo Puro e Simples* (2017, p.117), mais uma de suas grandes obras, informa que

A justiça significa muito mais do que o tipo de coisa acontece nos tribunais. Trata-se do velho nome para tudo que agora devemos chamar “jogo limpo”, e isso inclui honestidade, reciprocidade, veracidade, cumprimento de promessas e todo esse lado da vida

Está na Bíblia sagrada “não julgueis e não sereis julgados” (Lc 6, 37).

Em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, a Justiça se dá, primordialmente com Edmundo ao ter informado à feiticeira branca, enfeitiçado pelo manjar turco, sobre seus 3 irmãos, que eles se encontravam em Nárnia com os castores, tê-los abandonado indo em direção ao castelo, mas no fim foi ele quem derrubou a varinha das mãos da feiticeira, quebrando-a. Terminou bastante ferido, mas fez-se justiça e redenção.

Foi tudo obra de Edmundo, Aslam – estava dizendo Pedro. - Teríamos sido derrotados se não fosse por ele. A feiticeira estava transformando nossas tropas em pedra à direita e à esquerda. Mas nada o detinha. Ele abriu caminho passando por três ogros para chegar aonde ela acabara de transformar em pedra um de seus leopardos. E, quando a alcançou, teve o bom senso de dar um grande golpe de espada na varinha dela em vez de tentar pegá-la de frente e ser feito de estátua em troca pelos seus esforços. Esse foi o erro que todos os animais estavam cometendo. Uma vez que a varinha estava quebrada, começamos a ter chance – caso contrário, teríamos perdido muitos outros. Ele foi terrivelmente ferido. Precisamos Vê-lo. (Lewis, 2023, p. 183).

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como C.S Lewis aborda as virtudes em suas obras, não apenas educam, como também encantam. Evidencia-se que esses princípios éticos atemporais continuam a desempenhar um papel crucial na compreensão e no aprimoramento da conduta humana. A análise das virtudes de Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança, as virtudes cardeais, nos escritos de Lewis se tornam realidade e se enraizam no interior de cada ser que ler a obra.

As aplicações contemporâneas das virtudes cardeais, examinadas em setores como liderança, educação e ética profissional, destacam sua relevância prática e potencial impacto positivo na sociedade atual. A Prudência orienta as escolhas informadas, a justiça promove a equidade, a fortaleza concretiza a resiliência e a temperança equilibra o autodomínio.

No entanto, enquanto celebramos a duradoura importância dessas virtudes, é imperativo reconhecer os desafios contemporâneos que podem colocar à prova a sua aplicação consistente. A rápida evolução da sociedade, as mudanças nos valores culturais e os dilemas éticos complexos demandam uma reflexão contínua sobre como as virtudes cardeais podem ser adaptadas e fortalecidas para enfrentar os desafios emergentes.

Este trabalho não apenas oferece uma visão abrangente das virtudes cardeais, mas também torna mais fácil a busca do educador por meios mais criativos de tornar as virtudes mais perceptíveis para as crianças, transformando textos em esperança, tornando a vida mais fácil, prazerosa e cheia de imaginação.

697

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **As Virtudes Morais – Questões Disputadas sobre a Virtude/Santo Tomás de Aquino**; Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga – Campinas, SP: Ecclesiae, 2012.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 30ª ED., 2016. Editora Loyola.

FAUS, Francisco. **A conquista das Virtudes**. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

GREGGERSEN, Gabrielle. **Vivendo e Aprendendo com C. S. Lewis: Princípios Norteadores da Educação Cristã no Século XXI**. Fides Reformata, São Paulo, v.4, jan. 1999. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_IV_1999_1/Gabriele.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2024.

LEWIS, C. S. **O Leão, a feiticeira e o guarda-roupa**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

LEWIS, C. S. **Cristianismo Puro e Simples**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MACGRATH, Alister. **A vida de C. S. LEWIS – Do Ateísmo às Terras de Nárnia**. São Paulo: Planeta, 2014.

MACGRATH, Alister. **Conversando com C. S. LEWIS – Do Ateísmo às Terras de Nárnia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

GONÇALVES, Laiza Karine. **A LEITURA DO CONTO DE FADAS E O DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO INFANTIL** 2009. Tese – PUC Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/1927/1/418783.pdf> . Acesso em 26 de mar. 2024.